

OURAR E TRAJAR

TO GOLDEN
AND TO WEAR

AMADEU COSTA · MANUEL FREITAS

FOTOGRAFIAS PHOTOGRAPHS
GUALBERTO BOA-MORTE



ÍNDICE

INDEX

11	Apresentação	124	Brincos à rei
15	A Metalurgia do Ouro do Noroeste Peninsular	125	Brincos barrocos
17	Arrecadas de S. Martinho de Anta	129	Carniceiras
18	Arrecadas de Laúndos	130	Argolas de regueifa
19	Arrecadas da Estela	131	Argolas de leque
20	Arrecadas de Briteiros	131	Argolas barrocas
21	Arrecadas de Afife	133	Argolas “morcelas”
22	Arrecadas de Vilar dos Santos	134	Argolas diversas
23	Distribuição das arrecadas Castrejas	135	Laças
25	Ourivesaria em Moçambique	143	Corações de Viana
31	Filigrana	147	Custódias
60	Esmalte	153	Peças (moedas guarnecidas)
68	Peças actuais em prata	155	Medalhas (moedas de imitação guarnecidas)
75	Instrumentos de fabrico	157	Medalhas com Santas
79	Repucho e laminação	158	Senhoras da Conceição
81	Granulação	161	Senhora do Carmo
83	Matrizes	162	Medalhas Gramalheira
87	O ouro e o seu uso	166	Medalhas diversas
87	Status	172	Medalhas de memória
93	Segurança social	174	Cruzes
93	Amuletismo	176	Cristos
96	Cor do ouro	178	Borboletas
97	Forma esférica	179	Cordões
99	Forma lunular	181	Trancelins
101	Triângulos	181	Colares de Gramalheira
103	Calotas	184	Colares
103	Patos	185	Colares com filigrana
105	Colar de contas	187	Colares diversos
109	Botões	189	Alfinetes
110	Brincos	192	Pulseiras com berloques
114	Brincos de chapola	193	Escravas
115	Brincos de gramalheira	195	Correntes de relógio
116	Brincos de esmalte	197	Alfinetes de gravata
116	Brincos de contas	199	Em que circunstâncias a mulher minhota põe ou não o seu ouro
117	Brincos de fuso	233	Novos rumos da ourivesaria portuguesa
118	Brincos de luto	241	Ourivesaria na sociedade portuguesa
119	Arrecadas de Viana	257	Ourivesaria Portuguesa na decoração
120	Brincos à rainha		



MARISA, MAR, BRISA...

*Eras tudo isso!
Partiste em floração...
És a Primavera,
Que não conheceu Verão...
És o rio,
Que não chegou à foz...
Doloroso é falar de teus olhos,
Mel e avelã...
Meigos e profundos
Eram d'outros mundos!
E os teus cabelos d'ouro,
Poalha dourada,
Poente sempre presente...
Habita-me a luz coada
De teu sorriso, de teu riso!
A harmonia de tua voz
Cercada de muros brancos...
Tão brancos como a tua alma!
Nunca falei contigo
Tanto como agora,*

*Que o horizonte se escapou!
Procuro nas palavras,
Um sinal mínimo da tua voz...
Horrível é ser cativa neste pranto...
Como é possível eu morrer tanto?
Esta ferida sangra
No braço que já não existe...
E que dói tanto!
Aqui fiquei,
Mutilada,
Ferida jamais calcinada...
Ambas naufragámos naquela manhã!
Como posso ver este mar,
Sentir esta brisa,
Sem ti,
Meu amor,
Minha filha,
Marisa.*

Filomena



A MINHA HOMENAGEM
AO GRANDE MESTRE

AMADEU COSTA

23.10.1920 – 30.03.1999







APRESENTAÇÃO

PREFACE

As manifestações estéticas da ourivesaria galaico-portuguesa remontam a antes da romanização. Diversos achados arqueológicos e alguns relatos de cronistas romanos atestam a veracidade desta afirmação. E o apreço das nossas gentes pela ourivesaria manteve-se ao longo de muitos séculos como indiciam lendas, transmitidas de geração em geração, que chegaram aos nossos dias.

Se a abundância de ouro extraído das minas existentes no território peninsular contribuiu para o nascimento e crescimento da ourivesaria regional, o florescimento desta só ocorreu graças ao ouro do Brasil. Na verdade, foi depois do afluxo do ouro da América do Sul à Europa, sobretudo no século XIX, que ela se desenvolveu.

A ourivesaria clássica brotou como manifestação artística nas repúblicas italianas, especialmente em Génova.

A ourivesaria popular portuguesa enraizou-se, como artesanato, no Norte de Portugal, principalmente em Gondomar e na Póvoa de Lanhoso, e afirmou-se, sob o signo dos *amuletos* e como complemento do modo de trajar, em formas predominantemente barrocas, tão do agrado das gentes da fachada ocidental ibérica, particularmente do Minho e da Galiza.

The aesthetic manifestations of the Galician-Portuguese jewelry date back to before the roman era. Several archaeological findings and some reports from roman chroniclers prove the veracity of this statement. The esteem of our people for jewelry was maintained throughout many centuries, as we can see in the legends the were transmitted from generation to generation up to nowadays.

If the abundance of Gold that was extracted from the peninsular territory's goldmines contributed for the birth and growing of the regional jewelry, its flourishing only occurred thanks to the gold from Brazil. Actually, it was after the inflow of the gold from South America to Europe, mainly in the 19th Century, that this type of jewelry has developed.

Classic jewelry sprouted as a manifestation of the Italian republics, specially in Genova.

The Portuguese popular jewelry rooted, as craftwork, in the north of Portugal, especially in Gondomar and Póvoa de Lanhoso, and asserted itself, under the meaning of *amulets* and as a complement to the way of dressing, in mainly baroque shapes, that pleased the peoples of the Iberia occidental coast, particularly in Minho and Galiza.



O apreço que a mulher minhota tinha, e continua a ter, pelo *seu ouro* fez da ourivesaria uma arte popular entre nós. E, hoje, tendo conquistado o gosto das classes privilegiadas, esta arte vai trilhando caminhos de modernidade, sem perder a sua popularidade.

*Muito bonito é o ouro
No pescoço da donzela.*

Estes são versos do cancionero popular que não esquece os tradicionais corações, peças do denominado *ouro de Viana*, de que nos falam com maestria os autores deste livro, Manuel Rodrigues de Freitas e Amadeu Costa.

Argolas, arrecadas, borboletas, botões, brincos, contas, cordões, cruzes, custódias, gramalheiras, medalhas, memórias, peças *Senhoras da Conceição* e trancelins povoam o livro *Ourar e Trajar*.

Já no século XV, vivia em Viana um ourives, Isaac Cru, *o qual era homem digno* e importante para o desenvolvimento mercantil desta, então, vila do Noroeste Peninsular.

Manuel Rodrigues de Freitas, um dos mais notáveis sucessores daquele ourives quatrocentista, dedica-se ao ouro na sua vertente económica, cultural e artística há quase meio século. Depois de *Ouro Popular Português* e de *Filigrana Portuguesa*, Manuel Freitas brindanos com *Ourar e Trajar*.

The esteem that the woman from Minho had, and still has, for *her gold* transformed the art of jewelry into a popular art among us. And, today, having conquered the taste of the high classes, this art is treading ways of modernity, without compromising its popularity.

*Very beautiful is the gold
Around a maiden's neck*

These are rhymes from the popular Portuguese songbook that doesn't forget the traditional *hearts*, pieces from the so called *Gold form Viana*, of which the authors of this book, Manuel Rodrigues de Freitas e Amadeu Costa, talk with mastery.

Rings, *arrecadas*, butterflies, buttons, earrings, beads, cords, *custódias*, crosses, *gramalheiras*, medallions, *memórias*, *Senhoras da Conceição* and *trancelins* are presente in the book '*Ourar e Trajar*'.

In the 15th Century a goldsmith named Isaac Cru used to live in Viana, '*who was a decent man*', important for the commercial development of this, at the time, village, of the peninsula's northwest.

Manuel Rodrigues de Freitas, one of the most remarkable successors of that goldsmith from the 15th century, devotes himself to gold in its economic, cultural and artistic dimensions for almost half a century. After *Ouro Popular Português* e *Filigrana Portuguesa*, Manuel de Freitas presents us with *Ourar e Trajar*.



O livro conta com a colaboração de Gualberto Boa-Morte, Ricardo Ferreira e Patrício Brito e os direitos de autor foram cedidos a obras sociais de apoio a crianças e idosos do Centro Social e Paroquial da Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, de Viana do Castelo.

Como os nossos antepassados faziam no primeiro banho de uma criança, deito peça de ouro nas águas em que *Ourar e Trajar* se banhará.

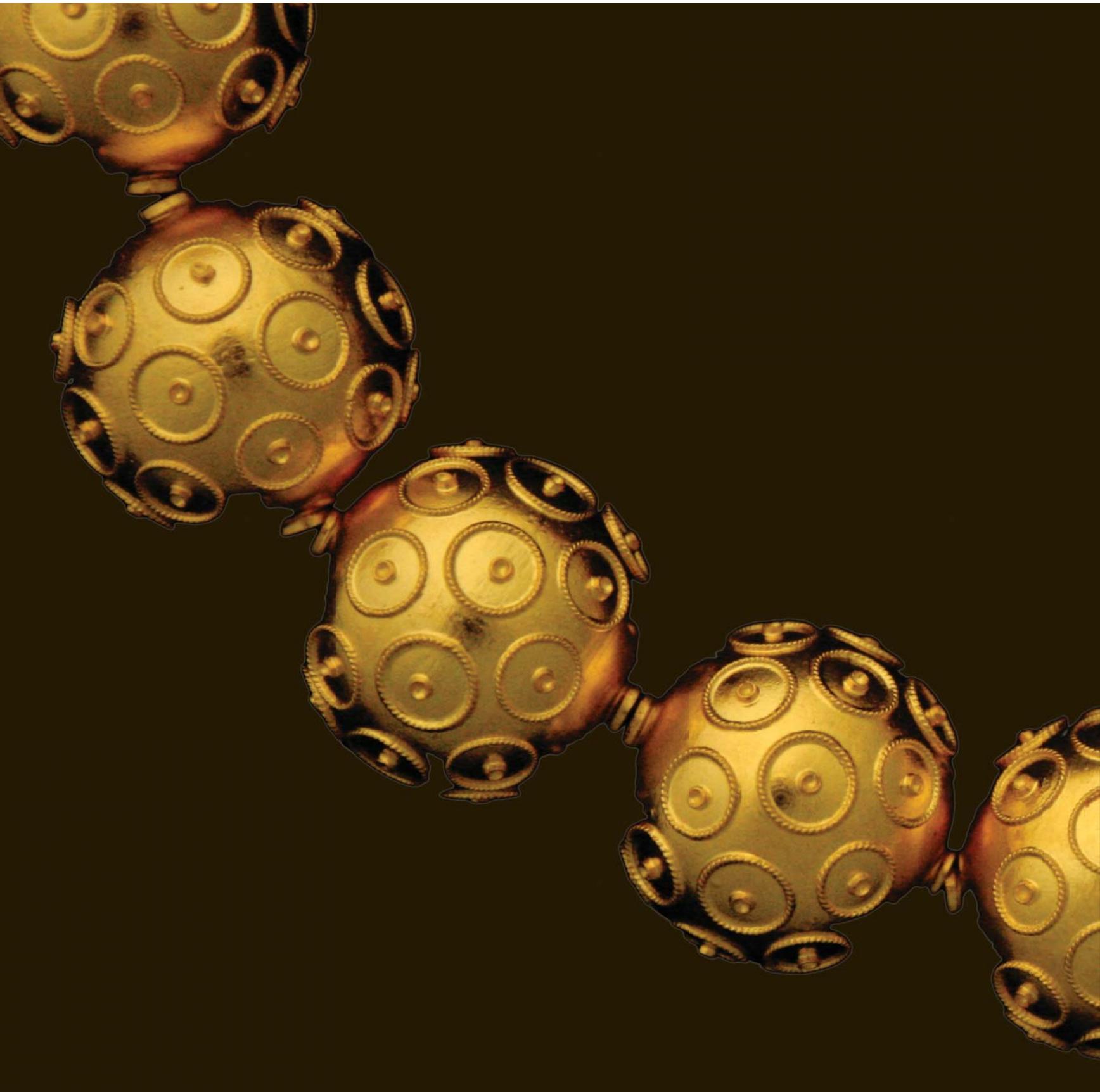
Carlos Branco Morais

The book has the participation of Gualberto Boa-Morte, Ricardo Ferreira and Patrício Brito, and the copyright has been given to the social work for children and the elderly of the *Centro Social e Paroquial of Nossa Senhora de Fátima's* parish.

Like our ancestors used to do in the first bath of a new born child, I put in a Gold piece in the waters in which *Ourar e Trajar* will bath.

Carlos Branco Morais







Brincos de chapola.
Col. M.O.T.

—
Plate earrings.
Coll. M.O.T.

FORMAS LUNULARES - A lua renova-se periodicamente, através das fases, sendo um símbolo dos ritmos biológicos (cresce, diminui, e desaparece), e para muitos o símbolo da fecundidade. Os Estónios e os Finlandeses celebravam os seus casamentos na lua nova; em muitos mitos da Ásia Central, é evocada quer como calor que dá vida, quer como forma que penetra no ventre da mulher; para os Tibetanos, no princípio dos tempos, os antigos multiplicavam-se por uma luz do corpo do homem (reflexo do sol ou da lua) que penetrava no útero da mulher e a fecundava; nos Maias, a Deusa Lua era filha do grande Deus Sol.

É, sobretudo, no que toca às questões ligadas à concepção e fertilidade que mais se faz sentir. A coincidência dos ciclos lunares com os menstruais é a sugestão mais clara da cumplicidade entre a lua e a mulher. Na idade média as mulheres não podiam sair em noites de lua cheia, pois podiam ser fecundadas pela luz da lua (talvez para justificar algum encontro secreto).

A lua, à semelhança do sol, sempre exerceu um imenso fascínio nas pessoas, estando representada em inúmeras peças de ourivesaria, umas vezes de forma velada e outras de forma bem explícita (normalmente na forma de quartos crescentes), em muitas peças do nosso ouro, nomeadamente nas arrecadas de Viana, brincos de rainha, argolas e brincos “parolos” ou de “chapola”.

LUNARIAN SHAPES - The Moon is periodically renewed, through its phases, and for some people it a symbol of biological rhythm (it grows, diminishes and disappears) and for others a symbol of fertility. The Estonian and the Finnish celebrated their marriages in the New Moon. In many myths of Central Asia it is invoked either as the heat that creates life or as a shape entering the woman's womb. On the very beginning of times for the Tibetan, the ancient people multiplied through a light in the man's body (a reflex of the Sun or Moon) which penetrated in the woman's uterus and fecundantig her. In the Mayas civilization the Goddess Moon was daughter of God Sun.

It is mainly in what concerns situations connected with conception and fertility that the moon's influence is seen. The coincidence of the lunar circles with the menstrual period is the clearest suggestion of complicity between the Moon and the Woman. In the Middle Ages women couldn't get out of the house during full Moon because they could be fertilized by the Moon's light (perhaps to justify any secret meeting).

The Moon as well as the Sun has always performed a strong enchantment on people being displayed in an endless number of jewelry pieces, sometimes in a veiled form and others in a very clear way (usually in the shape of the first quarter of the Moon) in many pieces of our gold, namely in the round earrings (*arrecadas*) from Viana, Queen's earrings, round earrings, and volksearrings “*parolos*” or even “*chapola*” (plate) earrings (see pictures).





Arrecadas de Viana. Col. M.O.T.

—
Hoop-earrings from Viana. Coll. M.O.T.





TRIÂNGULOS - O triângulo com o vértice para cima simbolizava o fogo e o sexo masculino; com o vértice para baixo, a água e o sexo feminino e pela sua semelhança com o púbis está muito ligada a motivos de fertilidade.

Esta forma aparecia quase invariavelmente como remate terminal de quase todos os brincos, umas vezes numa superfície lisa, outras com granulado ou filigrana e outros, ainda, em forma de cachos de uva.

TRIANGLES - The triangle turned upwards symbolized fire and the male sex; turned down it symbolized water and female sex and due to its similitude with the pubis it is highly connected with symbols of fertility.

This shape appeared almost always as a finishing of every earring, sometimes in a plain surface others with a granulate or filigree or even in the form of a bunch of grapes.

Brincos de fuso
ou rocões.
Col. M.O.T.

—
Spindle earrings
or “rocões”.
Coll. M.O.T.





Brincos de fuso ou rocões
F.O. O.F.

Bobbin earrings or "rocões"
F.O. O.F.

CALOTAS - Simbolizavam os chocalhos que, com o seu barulho, tinham o poder de exorcismo e purificação (afastavam as más influências).

Antigamente, usavam-se os chocalhos do gado para afugentar os maus espíritos, mais do que assinalar a sua presença e, talvez por isso, se usavam aqueles instrumentos ruidosos na serração da velha: “reco-reco”. Nunca assisti a rituais de exorcismo, mas dizem que é acompanhado com enormes barulhos (parece que os maus espíritos gostam de sossego). Este elemento está em quase todas as arrecadas antigas, com cerca de 2500 anos, nomeadamente nas arrecadas castrejas, representado de forma côncava, com um grânulo ao centro. Nas actuais arrecadas de Viana e brincos à rainha, as calotas são convexas e aparecem de forma harmónica espalhadas pela peça.

PATOS - Símbolo da união e da fidelidade conjugal, a que se junta, por vezes, a noção de força vital, pelo facto do casal e os filhos estarem sempre juntos quer na terra, quer na água. O aparecimento sazonal destas aves migratórias, no mesmo local e na mesma época, despertou sempre um certo mistério e, possivelmente por isso, aparecem de forma bem explícita nas antigas arrecadas da vizinha Galiza e nas nossas, com “Ss” filigranados, forma estilizada de representar os patos a voar. Actualmente, estas formas, aparecem nas arrecadas de Viana e nos “brincos parolos” ou de “chapola” (nos primeiros, em forma de “Ss”, e nos segundos, explicitamente).

Mais à frente, com a descrição que irei fazer das várias peças do ouro popular, será mais fácil encontrar algumas das formas atrás descritas. Também a partir desta explicação torna-se mais fácil entender certos comportamentos das mulheres de outros tempos.

Todo o ouro era usado do pescoço para cima, próximo da cabeça que era o centro de todos os males. Nas mãos era raro ver anéis ou pulseiras, pois não só o interesse enquanto amuleto era nulo, como também estorvava nas lides da casa e do campo.

O colar de contas tinha uma carga simbólica de tal maneira forte que era também uma das peças que, depois de colocado ao pescoço, normalmente pelas jovens adolescentes, nunca mais saía (por isso o nó de correr, para juntar o colar ao pescoço, durante os seus afazeres no campo, ou alargá-lo para dormir).

SPERICAL CALOTAS - They symbolized the cattle bells which, with their sound, had the power of exorcism and purification (they rejected the bad influences).

In old times the cattle bells were used to chase away bad spirits more than to mark their presence and so those noisy tools were used in the sawing of the old “reco-reco” (musical instrument). I have never been present in exorcism rituals but it is told they are accompanied by loud noises (it seems that bad spirits prefer quietness). This element is practically present in every old round earring (*arrecadas*) with around 2500 years, namely in the *castrejas* earrings, exhibited a hollow way with a grain in the centre and always in an odd number. In the modern Viana earrings, and in the Queen’s earrings, the calotas are convex and appear in an harmonious way spread along the piece.

DUCKS - They are the symbol of alliance and matrimonial fidelity to which is added the notion of vital energy due to the fact that the couple and children are always together both in land and in water. The seasonable appearance of these migratory birds in the same place and the same period has raised a certain mystery and so they appear in a very clear form in the ancient earrings from Galicia and also in ours with an “Ss” filigreed, a stylized form of showing ducks flying. Nowadays these elements appear in Viana earrings, in the ‘*parolos*’ or in the ‘*chapola*’ earrings (in the first in form of “Ss” and in the second in a clear form).

Further ahead, during the description of several pieces of popular gold, it will be easier to find some of the forms described before. After such an explanation it would be simpler to understand the women’s behaviour in old times.

All the pieces of gold were used from neck upwards near the head, centre of all evils. It was rare to see rings or bracelets because not only the amulet interest was null but also because they embarrassed during the housework tasks and in the fields. The beads necklace had such a strong symbolic meaning that once put around the neck - normally by young teenagers - would never be taken off (this explains the existence of a running knot to narrow it to the neck during their work or to enlarge it during sleep).



